

Pessoa na voz de Pessoa: A tradução inglesa de *O Banqueiro Anarchista*

[Pessoa in Pessoa's Voice:
The English Translation of *The Anarchist Banker*]

Nicolás Barbosa*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Banqueiro Anarquista, Tradução, Anarquist Banker, Inglês.

Resumo

Entre as múltiplas facetas de Fernando Pessoa, a de tradutor tem ocupado uma parte significativa dos estudos recentes. Pessoa não só escreveu sobre a sua visão da tradução literária, mas também foi ele próprio tradutor, vertendo para o português, inglês e francês textos de outros autores, como Edgar Allan Poe ou José de Espronceda. Neste artigo será analisado um dos casos em que Pessoa atuou como tradutor não de outros autores, mas de si mesmo, traduzindo parcialmente para inglês uma das suas obras mais emblemáticas: *O Banqueiro Anarchista*. Serão examinadas as escolhas de tradução, as implicações interpretativas em inglês, e as alterações em relação ao texto original em português, nas quais o autor propôs novas abordagens de trechos específicos, desta vez não através das suas habituais reedições e reelaborações, mas sim através da tradução.

Keywords

Fernando Pessoa, Banqueiro Anarquista, Translation, Anarchist Banker, English.

Abstract

Among the multiple facets of Fernando Pessoa, that of translator has occupied a significant part of recent studies. Pessoa not only wrote about his vision of literary translation but was also himself a translator, rendering into Portuguese, English, and French texts by other authors, such as Edgar Allan Poe or José de Espronceda. This article will analyze one of the cases in which Pessoa acted not as a translator of other authors, but of himself, partially translating into English one of his most emblematic works: *The Anarchist Banker*. The translation choices, the interpretative implications in English, and the alterations in relation to the original text in Portuguese will be examined, analyzing how the author proposed new approaches for specific passages, this time not through his usual re-editions and revisions of supposedly finished works, but through translation.

* Professor da Universidad de los Andes – Departamento de Humanidades y Literatura – Departamento de Lenguas y Cultura.

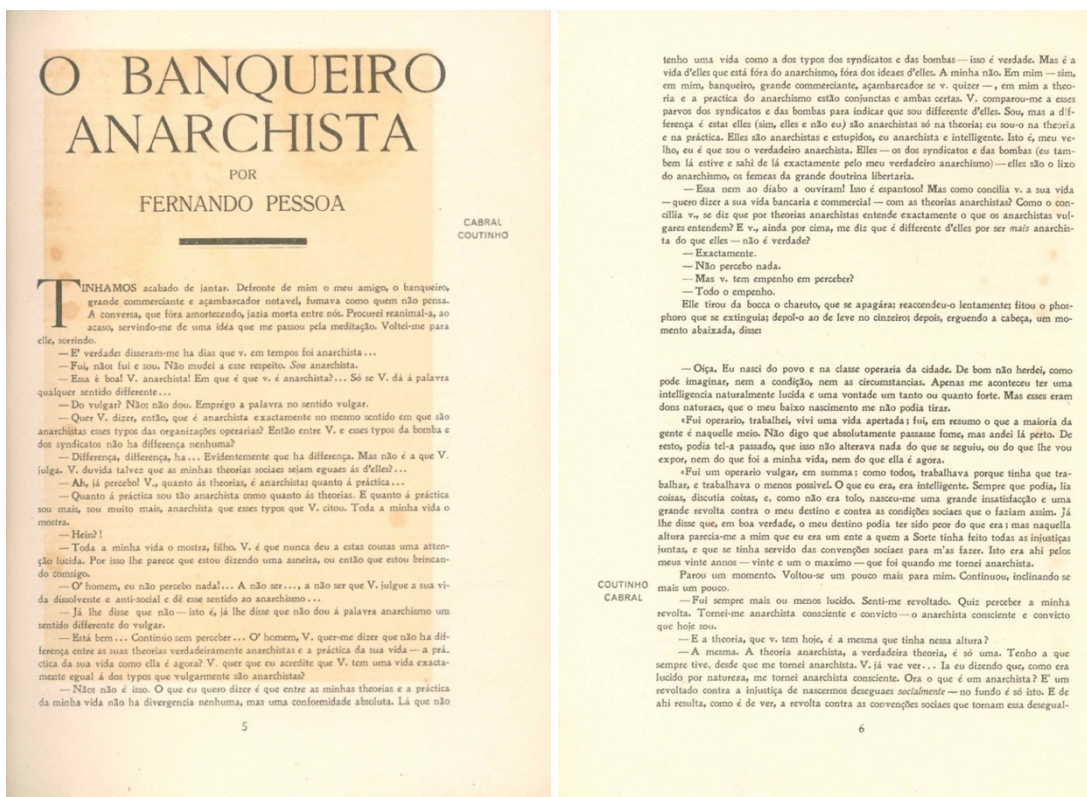
Além de escrever e refletir sobre a arte da tradução literária, o próprio Fernando Pessoa traduziu obras suas e de outros autores para português, inglês e francês. Exemplos notáveis incluem a tradução parcial de espanhol para inglês que Pessoa realizou da obra *El estudiante de Salamanca*, um conto em verso publicado em 1840 pelo escritor espanhol José de Espronceda (ver BARBOSA, 2016: 323-404), e a tradução de inglês para português que Pessoa fez de *The Raven*, de Edgar Allan Poe (ver PESSOA, 1924: 27-29), entre outros. Estas traduções são amplamente conhecidas e estudadas pela crítica, como no trabalho de Jorge WIESSE-REBAGLIATI, que publicou um estudo da métrica e a rima na tradução inglesa de *El estudiante de Salamanca* (2016: 193-218). Contudo, como afirma Claudia J. Fischer, “[p]ouco sabemos [do trabalho de Pessoa] enquanto tradutor da própria produção literária” (1). A faceta de Pessoa como tradutor de si próprio ainda conta com poucos estudos críticos, entre cujas exceções está o trabalho de Fischer, que em 2012 publicou pela primeira vez a totalidade de fragmentos em francês e inglês que Pessoa traduziu da peça *O Marinheiro*: “Se Álvaro de Campos, por exemplo, se dedicou à auto-tradução de dois de seus poemas, deixando-nos versos de ‘Opiary’ e de ‘Naval Ode’, já o ortónimo escolheu ‘O Marinheiro’ [...] para verter para as línguas francesa e inglesa” (FISCHER, 2012: 1).

Como indica Arnaldo Saraiva no seu estudo de 1996 sobre a faceta de Pessoa como tradutor de poesia: “O tradutor concebido por Pessoa não pode [...] sentir-se em posição subalterna em relação ao autor traduzido. Se à partida o texto a traduzir se lhe impõe como modelo, logo ele o remodela ou modeliza e o anula como modelo sobrepondo-lhe outro modelo, o seu [...]. O bom tradutor não *copia* para outra língua, porque *cria* ou *recria* noutra língua” (46; ctd. em WIESSE-REBAGLIATI, 2016: 195-196). Tendo em conta a necessidade de aprofundar a abordagem crítica de Pessoa especialmente enquanto tradutor de si próprio, e de examinar estas traduções (mesmo que parciais) como criações e modelos autónomos do tradutor-autor, neste texto analisarei a tradução parcial para inglês que Pessoa fez do texto *O Banqueiro Anarchista*¹ e examinarei algumas escolhas de tradução, alterações em relação ao texto original e possíveis implicações interpretativas de um trabalho de tradução que, por vezes, é, para usar as palavras de Saraiva, um novo modelo que cria e recria um texto original em outra língua (neste caso, a inglesa).

Pessoa publicou *O Banqueiro Anarchista* em 1922, no primeiro número da revista *Contemporanea* (ver Fig. 1 e 2). Conforme amplamente conhecido, o texto consiste em um diálogo entre dois homens, ocorrido após um jantar: o primeiro (um banqueiro) busca persuadir o segundo (um interlocutor pouco perspicaz) de que, sem ir contra a lógica, ele é simultaneamente um anarquista e um banqueiro. A obra é quase inteiramente composta por diálogos e é dividida em seis cenas ou momentos de diálogo distintos, separados por um espaço tipográfico. Cada cena culmina com

¹ Os títulos e as citações dos textos em português seguem a ortografia original em que foram escritos e publicados.

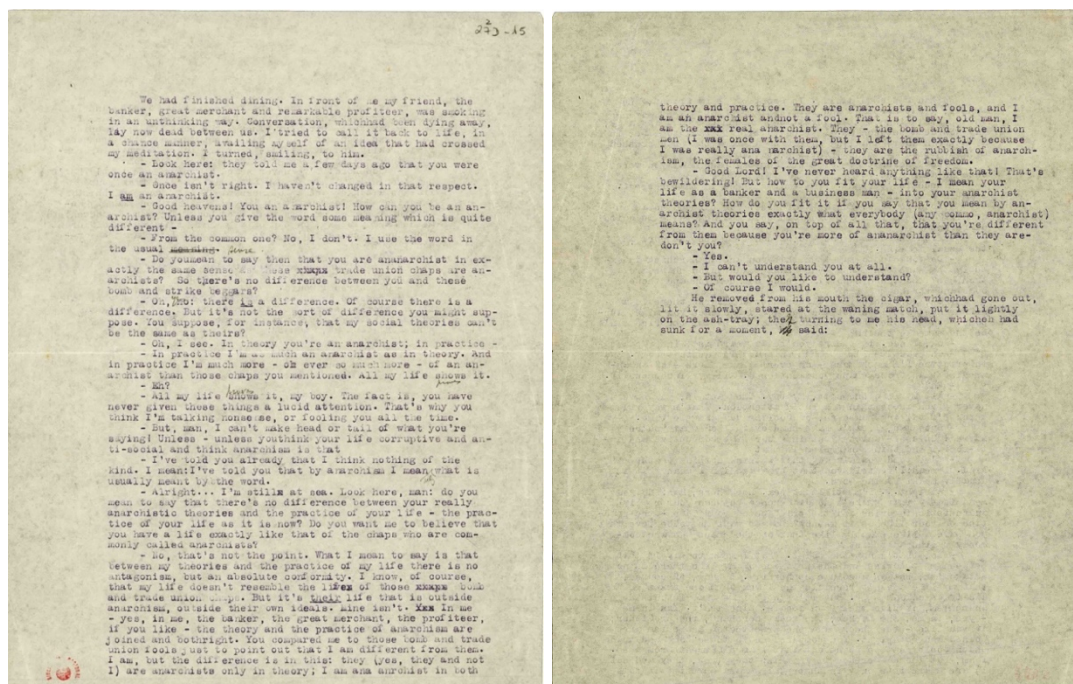
as únicas indicações externas ao diálogo, assemelhando-se às didascálias de uma peça teatral, que delineiam elementos e adereços do cenário e evidenciam mudanças nas ações e movimentos das duas personagens.



Figs. 1 e 2. Primeira e segunda páginas de “O Banqueiro Anarchista”, *Contemporanea*, n.º 1, Lisboa, maio de 1922, pp. 5 e 6.

No espólio pessoano encontra-se uma tradução para inglês de *O Banqueiro Anarchista* que o autor iniciou antes da sua morte, em 1935, e que teria planeado para publicação nesse mesmo ano (ver Fig. 3 e 4). A tradução está datilografada numa folha de 21,5 × 27,4 centímetros, e apresenta algumas emendas e acrescentos a lápis, tanto no rosto como no verso da folha, abrangendo apenas a primeira das seis cenas do conto. Trata-se, portanto, do rascunho parcial e inacabado de uma tradução, que não representa uma versão final nem mesmo quase finalizada. Em vez disso, esta tradução evidencia o contínuo processo de reflexão e revisão que *O Banqueiro Anarchista* (como muitos outros textos de Pessoa) atravessou mais de uma década depois de ter sido escrito e publicado², assim como um interesse ou um impulso em dar vida ao texto em outro idioma com um possível interesse em entrar no âmbito editorial anglófono.

² Ellen SAPEGA afirma que os trabalhos de rescrita treze anos depois do ano de publicação do texto original sugerem que *O Banqueiro Anarchista* é, como a conhecemos, possivelmente uma história inacabada (1989: 114).

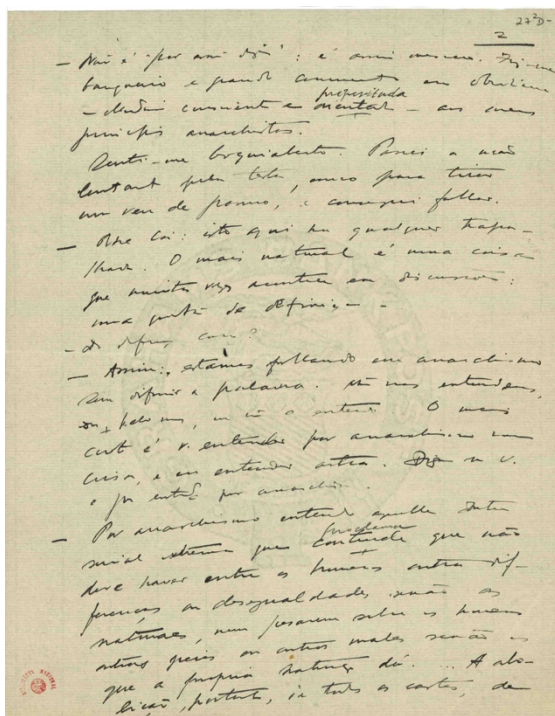
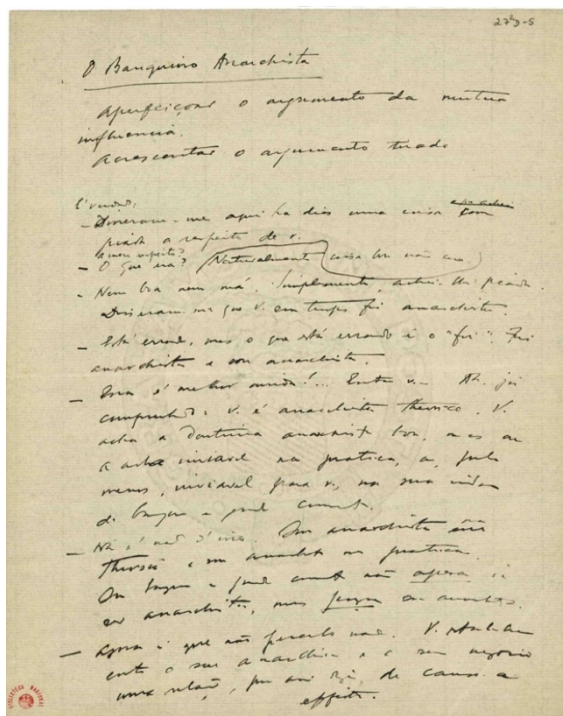


Figs. 3 e 4. Primeira e segunda páginas da tradução parcial para inglês de “O Banqueiro Anarquista”, (Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 3 [Fernando Pessoa], BNPE/E3, 272 D-15^e e 16^a).

Ver a transcrição completa no Anexo 1.

Além da tradução para inglês, em 1935, Pessoa também começou a reescrever, em português, algumas passagens não sequenciais do conto. Pessoa não só reescreveu, mas também acrescentou, um total de seis passagens independentes escritos ao longo de dezasseis páginas, as quais evidenciam que ele, de facto, continuava a repensar o texto, mesmo em português. Estes fragmentos, como foi analisado por Ana María JAIMES (2017), caracterizam-se por: 1) dar uma maior visibilidade à figura do interlocutor, que é menos passivo do que no texto original (por exemplo, as didascálias finais de cada cena também se referem aos movimentos do interlocutor: “Senti-me boquiaberto. Passei a mão lentamente pela testa, como para tirar um veu de pasmo, e consegui fallar”); e 2) apresentar um tom retórico muito mais sentimental e mais afastado da retórica fria do texto original, sugerindo uma adesão a teorias anarquistas baseadas no sentimento (por exemplo, o banqueiro diz: “bastava sentar-me á mesa pa[ra] encontrar argumentos, desde as mesmas queixas e zangas até ao que estava em cima da mesa, o que estava para cinco e tinha que se fazer chegar para onze... Bastava isto e tudo mais [...]” ou “O anarquismo é um regime de amor”) (ver Anexo 2).

A seguir, analisarei e compararei o texto original e a tradução para inglês, tendo em consideração que, dado que a tradução para inglês não é uma versão finalizada, dela não se extrai uma leitura definitiva, mas sim um conjunto de indícios e uma fotografia que corresponde a um momento específico de escrita. Esta abordagem pode oferecer pistas sobre planos de mudanças que motivaram o projeto de reescrita e de tradução do texto em 1935.



Figs. 5 e 6. Duas das dezasseis páginas que conformam os textos alternos de “O Banqueiro Anarchista” (BNP/E3, 27² D-5¹ e 6¹). Ver a transcrição completa no Anexo 2.

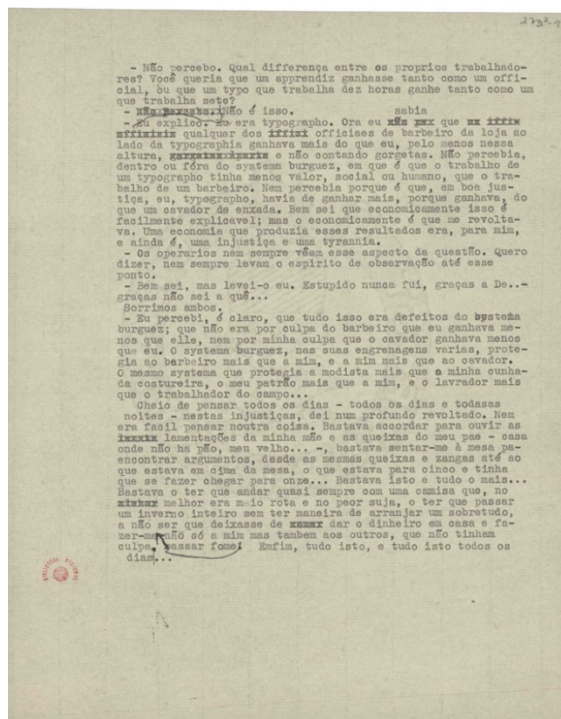


Fig. 7. Uma das dezasseis páginas que conformam os textos alternos de “O Banqueiro Anarchista” (BNP/E3, 27² D-9^r). Ver a transcrição completa no Anexo 2.

Veja-se o parágrafo de abertura do conto (ver Fig. 8, 9 e 10):

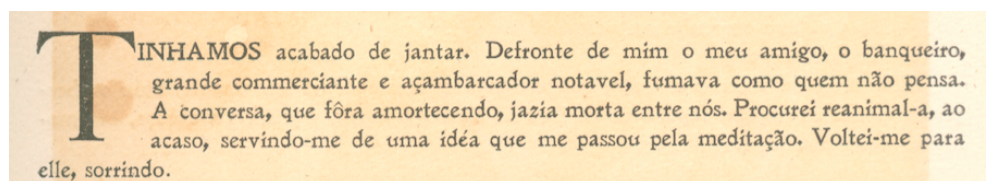


Fig. 8. Fragmento da primeira página de "O Banqueiro Anarchista".

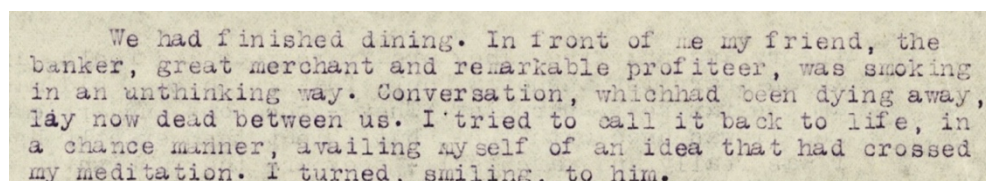


Fig. 9. Fragmento da primeira página da tradução parcial para inglês (BNP/E3, 272 D-15').

Versão em português (1922)	Tradução para inglês (1935)
Tinhamos acabado de jantar. Defronte de mim o meu amigo, o banqueiro, grande commerciante e açambarcador notavel, fumava como quem não pensa. A conversa, que fôra amortecendo, jazia morta entre nós. Procurei reanimal-a, ao acaso, servindo-me de uma idéa que me passou pela meditação. Voltei-me para elle, sorrindo.	We had finished dining. In front of me my friend, the banker, great merchant and remarkable profiteer, was smoking in an unthinking way. Conversation, which had been dying away, lay ¹ now dead between us. I tried to call it back to life, in a chance manner, availing myself of an idea that had crossed my meditation. I turned, smiling, to him.
	¹ l<i>/a\y

Fig. 10. Transcrição das Fig. 8 e 9.³

Neste parágrafo inicial, observa-se que Pessoa respeita a sintaxe portuguesa e transpõe, para inglês, uma sintaxe quase idêntica sempre que possível. Notemos como, de uma língua para outra, coincidem as posições ocupadas pelas locuções adverbiais ("Defronte de mim" → "In front of me"); pelos sujeitos gramaticais ("o meu amigo" → "my friend" e "A conversa" → "Conversation"); pelos incisos explicativos e as orações subordinadas ("grande commerciante e açambarcador notavel" → "great merchant and remarkable profiteer", "que fôra amortecendo" → "which had been dying away" e "ao acaso" → "in a chance manner"); e pelos predicados gramaticais.

Esta fidelidade sintática denota uma preocupação com a sequencialidade, relevante por ser coerente com a importância da sequencialidade argumentativa e sintática no conto, um argumento meticolosa e sequencialmente desenvolvido. Na fálacia retórica que o banqueiro precisa formular, a ordem dos fatores altera, de facto,

³ Segue-se o sistema de símbolos das transcrições genéticas da obra de Fernando Pessoa: < > para segmentos riscados; " para espaços deixados em branco pelo autor; < > / \ para substituição por sobreposição (<substituído> /substituto\); e [↑] para acrescento na linha superior.

o resultado.⁴ A tradução, como se observa, respeita as unidades sintáticas, por vezes em detrimento de soluções que em inglês sejam mais sonoras ou de prosa menos interrompida.

Por exemplo, a frase “Procurei reanimal-a, ao acaso, servindo-me de uma idéia que me passou pela meditação” poderia ter sido traduzida como “I inadvertently tried to call it back to life”. Em vez disso, Pessoa mantém o lugar do inciso (“in a chance manner”), que corta a sonoridade e a sintaxe mais natural em inglês. Isto é consistente com a tendência de Pessoa, ao longo da tradução, a não alterar a posição dos incisos. Neste caso, enquanto locução adverbial anterior ao verbo, o inciso cumpre uma função retórica: salientar a ideia do acaso. Portanto, a decisão de Pessoa de manter o lugar do inciso é coerente com uma das ironias centrais do texto: segundo a narração, o diálogo sobre o anarquismo do banqueiro nasce a partir da irrupção do “acaso”, mas a própria retórica do texto acaba por demonstrar o contrário. O diálogo nasce a partir do desenho meticuloso de uma argumentação premeditada. A ênfase no acaso mediante um inciso é uma ironia, e uma mentira, cuja posição na frase não parece ser acidental.

Há, evidentemente, exceções na fidelidade à sintaxe original, como os casos em que a língua inglesa não oferece outra opção (por exemplo, na colocação dos adjetivos, como em “remarkable profiteer”). Além disso, há uma variação na colocação de alguns incisos ou descrições, como o caso de “sorrindo” e “smiling” na última frase do parágrafo introdutório. Em português, o sorriso é, devido à sua posição final na frase, um pensamento tardio, enquanto em inglês passa a ser o centro visível e o núcleo do sentido da frase. Na forma de um inciso, o sorriso em inglês divide a frase: do lado esquerdo fica o “eu”, o banqueiro, e do direito, o interlocutor. No meio, fica o sorriso, como se o inciso expandisse a frase (como se a própria frase estivesse a sorrir e a abrir-se), separando as suas duas componentes principais, sujeito e complemento, nos dois extremos opostos. Esta sintaxe inglesa acaba por espelhar a estrutura geral do conto: há dois polos ligados por um discurso baseado na ironia e no humor.

Vale a pena salientar a conotação da tradução de “açambarcador” por “profiteer” (em vez de “monopolizer” ou “hoarder”), considerando que “profiteer” deriva de “profit” (do verbo latino “proficere”, cuja etimologia significa “aproveitar”) e que, mais do que transmitir o sentido de apropriar-se de mais do que é necessário, em inglês tem o significado de especular e lucrar excessivamente numa época de crise ou de guerra. Este pormenor é relevante porque implica que a tradução adquire,

⁴ Nas palavras de K. David JACKSON: “‘O Banqueiro Anarquista’, classified by Fernando Pessoa as a ‘conto de raciocínio’, foregrounds in its title both a paradox and a contradiction in terms, and the story that unfolds in the form of a Socratic pseudo-dialogue treats the reader to an astonishing and versatile exposition of logic. Sophism, subversion, and subterfuge are called to the service of truth, which is but another player in the malleable rhetoric of life, in the exercise of what Jorge de Sena described as Pessoa’s ‘diabolical capacity for reasoning’” (2006: 209).

assim, uma conotação política ligeiramente mais acentuada, que indiretamente situa o banqueiro num período histórico de crise.⁵

Na frase “A conversa, que fôra amortecendo”, tanto na versão original como na sua tradução (“Conversation, which had been dying away”) observamos uma ênfase na duração e progressão da ação. No caso do português, esta ênfase é marcada pelo verbo “fôra”, enquanto pretérito mais-que-perfeito, e pelo gerúndio do verbo “amortecer”. A tradução mantém essa mesma gradualidade através do mesmo tempo e modo verbal (“had been dying”) e, além disso, reforça o sentido de progressão com a locução verbal “dying away”, que significa enfraquecer ou desaparecer gradualmente. O advérbio “away”, que indica uma direção fora de um ponto de referência, contribui para o sentido de gradualidade, de uma conversa que, tal como o cigarro e o fumo do banqueiro, está lentamente a mover-se numa direção oposta à do banqueiro, até desaparecer e fundir-se no ar.

Logo a seguir, o verbo “jazer” é traduzido por “lay”. No entanto, no documento observamos um “i” riscado, sugerindo uma possível confusão entre os verbos “lay” e “lie”. É crucial distinguir entre ambos os verbos, uma vez que não partilham o mesmo significado. “To lay” é um verbo transitivo (como, por exemplo, na frase “lay the book down” [“deite o livro”]) e o seu pretérito simples é “laid”. Por outro lado, “to lie” é um verbo intransitivo que não denota a ação de colocar ou deitar um objeto (o banqueiro não deita nem deixa cair a conversa), mas sim um estado intrínseco de um objeto que se encontra numa posição plana ou sobre uma superfície. Em outras palavras, o que diríamos em inglês seria “the conversation lies down” (esta última, de forma intransitiva) em vez de “the banker lays down the conversation” [“a conversa jaz” em vez de “o banqueiro deita a conversa”]. O ponto de confusão reside no pretérito simples de “lie” ser “lay”, o que significa que o “lay” mencionado aqui corresponde ao pretérito simples do verbo “lie”. É relevante notar que Pessoa tenha optado pelo verbo “to lie” em vez do verbo “to lay”, pois ao escolher um verbo intransitivo em detrimento de um transitivo, sugere que a conversa possui um impulso próprio, não sendo um objeto direto do banqueiro e, portanto, não sendo uma consequência das suas ações. Neste verbo reside o efeito retórico que enfatiza como o argumento do banqueiro existe por si só e se sustenta autonomamente, em vez de ser (como de facto é) uma construção subjetiva (e, portanto, um objeto direto) de um determinado indivíduo.

⁵ “The publication date of [*O Banqueiro Anarchista*] is meaningful considering that it took place only five years after the Russian Revolution and four years after the end of World War I. It is also relevant since it is precisely around 1922 when Álvaro de Campos begins to establish himself as a solid prose writer, and *O Banqueiro Anarchista*, with a content of porous borders between heteronym and orthonym authorship, constitutes an anticipation. [...] In [a self-interview that Campos wrote in 1925, he] criticizes — with tantamount sarcasm and irony — the political situation in England and Portugal, Russian Bolchevism [...] and labor unions [...], and regrets that Europe remains anchored to ‘velhas ficções políticas, reliquias de uma epocha extincta’” (BARBOSA, 2014: 30-31).

No final do parágrafo inicial, é necessário notar o uso da palavra “meditação” e a sua tradução literal: “meditation”. Em vez de ter mantido a imagem do cruzamento na frase “crossed my meditation”, a frase poderia ter sido traduzida como “it occurred to me”, uma expressão menos elaborada e mais coloquial. No entanto, a tradução literal reflete a importância de distinguir entre o pensamento (ou a mente) e a meditação. Esta última designa um discurso reflexivo de um indivíduo, ou um curso de ideias que, baseadas na contemplação, persuadem outros a segui-las. A meditação, portanto, implica observação, persuasão, discurso e sequencialidade. No entanto, a meditação do banqueiro quer dar a aparência de não ser planeada: passa por ele e cruza-o, como algo espontâneo, sendo assim outro elemento que, com ironia, disfarça a retórica meticulosa do discurso.

Examinemos o início do diálogo no conto (ver Fig. 11, 12 e 13).

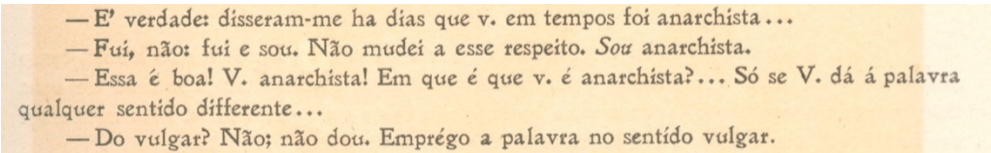


Fig. 11. Fragmento da primeira página de “O Banqueiro Anarchista”.

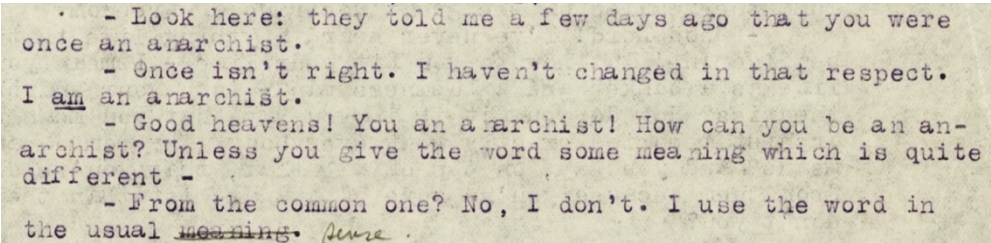


Fig. 12. Fragmento da primeira página da tradução parcial para inglês (BNP/E3, 27ª D-15ª).

Versão em português (1922)	Tradução para inglês (1935)
— É verdade: disseram-me ha dias que v. em tempos foi anarchista... — Fui, não: fui e sou. Não mudei a esse respeito. Sou anarchista. — Essa é boa! V. anarchista! Em que é que v. é anarchista?... Só se V. dá á palavra qualquer sentido differente... — Do vulgar? Não; não dou. Emprégo a palavra no sentido vulgar.	— Look here: they told me a few days ago that you were once an anarchist. — Once isn't right. I haven't changed in that respect. I <u>am</u> an anarchist. — Good heavens! You an anarchist! How can you be an anarchist? Unless you give the word some meaning which is quite different - — From the common one? No, I don't. I use the word in the usual meaning <i>sense</i>. ² <meaning.> sense.

Fig. 13. Transcrição das Fig. 11 e 12.

A resposta do banqueiro à primeira intervenção do interlocutor é eficaz retoricamente pela sua brevidade e repetição. O banqueiro repete o verbo e o tempo da pergunta, o verbo “ser” no pretérito (“fui, não; fui e sou”), como modo de refutar a

afirmação do interlocutor, e acrescenta uma terceira repetição no presente, “sou”, enfatizando assim o facto de a ação não ter sido concluída no passado. Em inglês, a resposta recorre não à repetição do verbo (não diz, por exemplo “Not that I was. I was and still am”), mas à repetição do advérbio temporal “once”. Esta decisão funciona ritmicamente e mantém o efeito sonoro e persuasivo de repetir uma sílaba da pergunta como forma de expressar oposição na resposta (aliás, uma característica linguística do modo em que se produzem respostas em português).

Contudo, a resposta perde contundência ao não repetir, nela própria, o advérbio como mecanismo para enfatizar o erro do interlocutor. Diz “Once isn’t right”, sem um complemento repetitivo análogo ao “fui e sou”, como seria, por exemplo, “Not once: once and ever since”. Com a omissão de “fui e sou”, e ao optar por responder não através da repetição do verbo “ser”, mas sim do advérbio, o banqueiro desloca a ênfase do problema central, que deixa de ser a questão de ele *ser ou não* banqueiro e anarquista, para passar a ser *quando* foi ou é banqueiro e anarquista.

Em inglês, Pessoa traduz a palavra “sentido” de duas maneiras: “meaning” e “sense”, e, de facto, risca “meaning” na sua segunda ocorrência. Esta falta de consistência pode denotar uma hesitação em relação aos múltiplos significados da palavra “sentido” em português, o que é sintomático do tópico central deste conto: a elasticidade de um significante em relação aos seus múltiplos sentidos. Enquanto “sense” alude aos sentidos físicos, “meaning” remete, etimologicamente, para a mente (“mean” deriva de “mind”), assim como para a ideia de meio, como na expressão “means to”, que indica modo ou veículo.

O diálogo entre o banqueiro e o interlocutor continua (ver Fig. 14, 15 e 16).

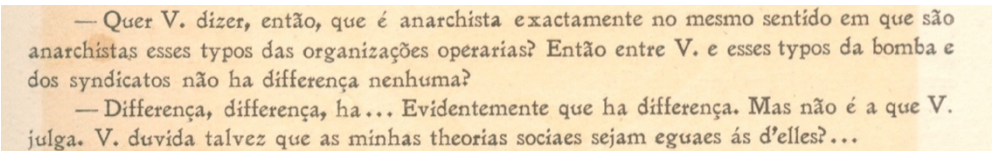


Fig. 14. Fragmento da primeira página de “O Banqueiro Anarquista”.

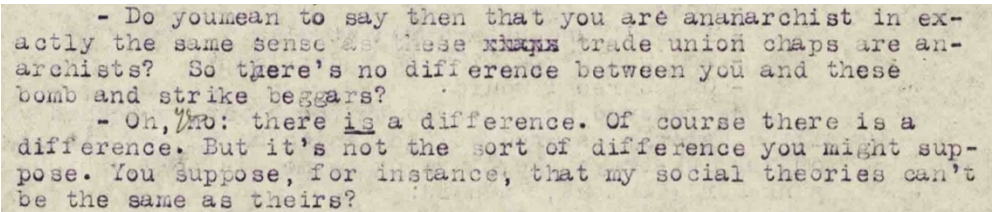


Fig. 15. Fragmento da primeira página da tradução parcial para inglês (BNP/E3, 272 D-15).

Versão em português (1922)	Tradução para inglês (1935)
— Quer V. dizer, então, que é anarquista exactamente no mesmo sentido em que são anarquistas esses typos das organizações operárias? Então entre V. e	— Do you mean to say then that you are an anarchist in exactly the same sense as these trade union chaps ³ are anarchists? So there's no difference between you and these bomb and strike beggars?

esses tipos da bomba e dos sindicatos não ha diferença nenhuma? — Diferença, diferença, ha... Eviden- temente que ha diferença. Mas não é a que V. julga. V. duvida talvez que as mi- nhas theorias sociaes sejam eguaes ás d'elles?...	— Oh, yes: ⁴ there is a difference. Of course there is a difference. But it's not the sort of difference you might suppose. You suppose, for instance, that my social theories can't be the same as theirs? ³ these <chaps> trade union chaps ⁴ no [↑ yes]
---	---

Fig. 16. Transcrição das Fig. 14 e 15.

Neste excerto da tradução do primeiro diálogo, Pessoa mantém a repetição “anarchista [...] anarchistas”, que não é necessária do ponto de vista gramatical, sendo, portanto, um indicador do uso da repetição como elemento retórico. Além disso, traduz de duas maneiras a palavra “typos”: “chaps” e “beggars”, esta última não no sentido de “mendigo”, mas no sentido mais arcaico de “tipo” ou “sujeito”, geralmente pertencente a uma classe social inferior. Existe uma conotação em “chaps” e “beggars” que “typos” não possui: a de um homem jovem. Portanto, cabe questionar a presença da idade como assunto relevante na construção das personagens, sobre o qual a tradução para inglês parece querer fornecer mais indícios do que o texto original ou, pelo menos, levantar mais explicitamente questões em relação à idade: quantos anos pode ter o banqueiro?; o “Once” na frase “Once isn’t right. [...] I am an anarchist” refere-se a um tempo passado remoto?; existe uma diferença de idades considerável entre o banqueiro e o interlocutor, ou entre o banqueiro e os sujeitos dos sindicatos que ele critica?

Observemos as repetições do conceito “diferença”. Em português, as repetições (tanto da pergunta quanto da resposta) são consecutivas. Essa continuidade não é mantida em inglês. A resposta “Diferença, diferença, ha...” é traduzida como “Oh, yes: there is a difference”. Como indicado pelo fac-símile e pela transcrição genética nas Figuras 15 e 16, Pessoa inicialmente escreveu “Oh, no”. A hesitação revela uma leve dificuldade na tradução do duplo negativo do português (característico das línguas românicas), o qual não pode ser reproduzido em inglês. Pessoa opta por não enfatizar de outra forma a questão da diferença. Por exemplo, poderia ter escrito: “no difference whatsoever” ou “no difference at all”. No entanto, a ênfase da repetição na resposta em português (“Diferença, diferença”) é compensada na tradução com um “is” sublinhado. Assim, na tradução, Pessoa não ignora a necessidade de ênfases retóricas no diálogo, seja através da repetição, seja por meio de escolhas tipográficas.

Examinemos o fragmento do diálogo seguinte (ver Fig. 17, 18 e 19).

— Ah, já percebo! V., quanto às theorias, é anarchista; quanto á práctica...
— Quanto á práctica sou tão anarchista como quanto ás theorias. E quanto á práctica sou mais, sou muito mais, anarchista que esses typos que V. citou. Toda a minha vida o mostra.
— Hein?!
— Toda a minha vida o mostra, filho. V. é que nunca deu a estas cousas uma attenção lucida. Por isso lhe parece que estou dizendo uma asneira, ou então que estou brincando comsigo.

Fig. 17. Fragmento da primeira página de “O Banqueiro Anarchista”.

- Oh, I see. In theory you're an anarchist; in practice -
- In practice I'm as much an anarchist as in theory. And in practice I'm much more - oh ever so much more - of an anarchist than those chaps you mentioned. All my life shows it.
- Eh?
- All my life ^{shows} it, my boy. The fact is, you have never given these things a lucid attention. That's why you think I'm talking nonsense, or fooling you all the time.

Fig. 18. Fragmento da primeira página da tradução parcial para inglês (BNP/E3, 27^a D-15^a).

Versão em português (1922)	Tradução para inglês (1935)
— Ah, já percebo! V., quanto às theorias, é anarchista; quanto á práctica... — Quanto á práctica sou tão anarchista como quanto ás theorias. E quanto á práctica sou mais, sou muito mais, anarchista que esses typos que V. citou. Toda a minha vida o mostra. — Hein?! — Toda a minha vida o mostra, filho. V. é que nunca deu a esta cousas uma attenção lucida. Por isso lhe parece que estou dizendo uma asneira, ou então que estou brincando comsigo.	— Oh, I see. In theory you're an anarchist; in practice... — In practice I'm as much an anarchist as in theory. And in practice I'm much more — oh ever so much more — of an anarchist than those chaps you mentioned. All my life proves⁵ it. — Eh? — All my life proves⁶ it, my boy. The fact is, you have never given these things a lucid attention. That's why you think I'm talking nonsense, or fooling you all the time. ⁵ shows [□ proves] ⁶ shows [↑ proves]

Fig. 19. Transcrição das Fig. 17 e 18.

A versão em inglês das frases “E quanto á práctica sou mais, sou muito mais, anarchista que esses typos que V. citou. Toda a minha vida o mostra” revela uma preocupação mais explícita pela persuasão. O inciso “oh ever so much more” não apenas é consistente com a lógica do inciso original (“sou muito mais”), mas também consegue ampliar e expandir a ideia de o banqueiro ser mais anarquista do que os outros: o que em português se consegue com uma palavra (“muito”), em inglês é expresso através de toda uma locução que inclui uma exclamação (“oh”), dois advérbios intensificadores (“ever” e “so”), e o advérbio que, em rigor, corresponde à tradução exata da citação original: “much”.

Mais abaixo, observamos a palavra “shows”, que é a tradução direta de “mos-tra”, e que Pessoa substitui por “proves”. Produz-se, portanto, uma diferença de

sentido: “mostra” não tem a mesma carga argumentativa, retórica e até manipuladora da palavra “proves”. Poder-se-ia debater qual tipo de retórica acaba por ser mais eficaz: a persuasão ativa e contenciosa ou a retórica disfarçada de passividade e imparcialidade, como no caso da palavra “shows”, por ser um verbo que manipula o interlocutor e o leitor sem que necessariamente eles se apercebam. A ocorrência de “proves” como alternativa de “shows” surge duas vezes e é feita a lápis junto ao texto datilografado, o que pode indicar que houve um esforço consciente por substituir todas as ocorrências do verbo “mostrar” por uma alternativa retórica e certamente mais contundente.

Passemos ao seguinte fragmento do diálogo inicial (ver Fig. 20, 21 e 22).

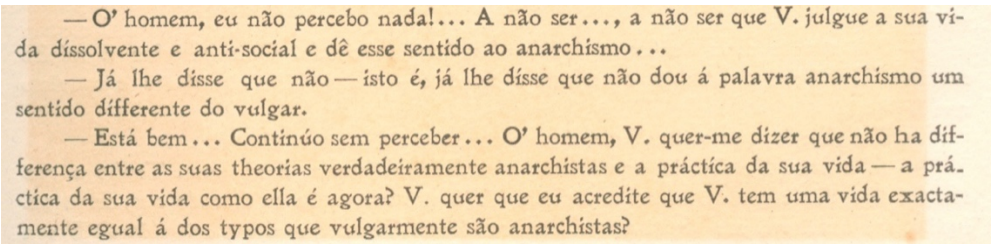


Fig. 20. Fragmento da primeira página de “O Banqueiro Anarchista”.

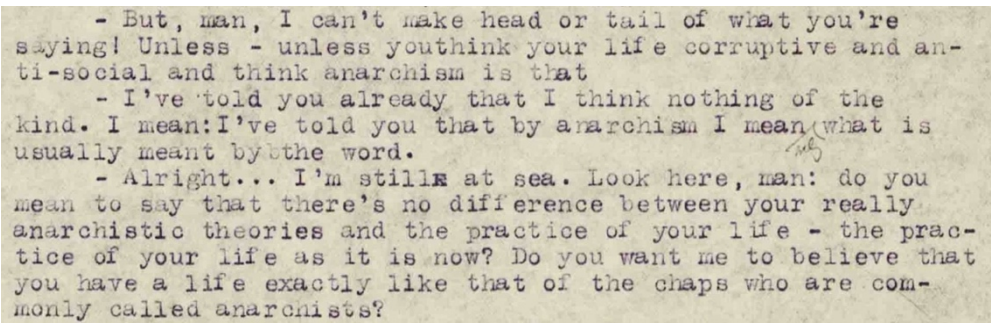


Fig. 21. Fragmento da primeira página da tradução parcial para inglês (BNP/E3, 27² D-15²).

Versão em português (1922)	Tradução para inglês (1935)
— Ó homem, eu não percebo nada!... A não ser..., a não ser que V. julgue a sua vida dissolvente e anti-social e dê esse sentido ao anarchismo... — Já lhe disse que não — isto é, já lhe disse que não dou á palavra anarchismo um sentido differente do vulgar. — Está bem... Continúo sem perceber... Ó homem, V. quer-me dizer que não ha differença entre as suas theorias verdadeiramente anarchistas e a prática da sua vida — a prática da sua vida como ella é agora? V. quer que eu acredite que V. tem uma vida exactamente igual á dos typos que vulgarmente são anarchistas?	— But, man, I can't make head or tail of what you're saying! Unless — unless you think your life corruptive and anti-social and think anarchism is that.⁷ — I've told you already that I think nothing of the kind. I mean: I've told you that by anarchism I mean only what⁸ is usually meant by the word. — Alright... I'm still⁹ at sea. Look here, man: do you mean to say that there's no difference between your really anarchistic theories and the practice of your life — the practice of your life as it is now? Do you want me to believe that you have a life exactly like that of the chaps who are commonly called anarchists?

	⁷ that[.] ⁸ mean [□ only] what ⁹ still<e>
--	--

Fig. 22. Transcrição das Fig. 20 e 21.

Na frase traduzida “But, man, I can’t make head or tail of what you’re saying!”, observamos que a exclamação original, “Ó”, é substituída por “But”. Mais uma vez, a tradução introduz uma linguagem mais explicitamente contenciosa. O “but”, em rigor, não tem um sentido estritamente lógico: não compreender o que o banqueiro diz não contradiz o facto de o banqueiro afirmar que o interlocutor acha que ele está a dizer uma asneira. De facto, faz sentido que ele não compreenda nada do que o banqueiro diz, e, portanto, a consequência não pode ser uma contradição disjuntiva introduzida por “but”.

Além disso, observamos uma tendência à metáfora sempre que se traduz o verbo “perceber”. “[E]u não percebo nada” é traduzido como “I can’t make head or tail of what you’re saying”, em vez de “I don’t understand a thing” ou “I understand nothing”. O interlocutor recorre a uma metáfora que envolve um animal, uma ordem e uma inversão para exprimir a sua falta de compreensão, o que revela parte do mecanismo do engano argumentativo: a dificuldade de estabelecer um início e um fim do argumento, ou a incapacidade de distinguir o início do fim; em outras palavras, criar a ilusão circular de que algo é o seu contrário. O banqueiro é anarquista por ser banqueiro? Ou é banqueiro pelo facto de ele ser anarquista? Além disso, no final do trecho, encontramos novamente uma metáfora: “Continuo sem perceber” é traduzido como “Alright... I’m still at sea”, através da qual não compreender um argumento é, sintomaticamente, comparado a ser um navegante perdido no mar, ou seja, alguém para quem o início e o fim do horizonte são indistinguíveis.

Consideremos a frase “unless you think your life corruptive and anti-social and think anarchism is that”, na qual “julgar” é traduzido como “think” (e não “suppose”, como antes). Isto sugere uma diferença entre “think” e “suppose”, que proporciona à tradução um sentido de maior certeza, ou seja, uma (falsa) factibilidade. Um caso semelhante ocorre na frase “a não ser que V. [...] dê esse sentido ao anarquismo”, que, em inglês, é traduzida como “unless you think [...] anarchism is that”. A ideia de “dar um sentido” é substituída novamente por “think”. Esta escolha de tradução é eloquente porque parece querer apresentar uma retórica mais persuasiva. “To think”, isto é, “pensar” é diferente de “dar um sentido a uma coisa”, dado que esta última ressalta a atribuição de um sentido, enquanto a primeira, embora também opere com base nesse fim, a atribuição de um sentido, oculta mais o ato subjetivo de interpretar. Ao optar por “think” em vez de uma solução como “unless that is the meaning you give the word” (que é a tradução que usa antes), o autor dissimula o papel ativo do banqueiro na manipulação semântica.

Mais para o fim do diálogo, lemos a seguinte explicação por parte do banqueiro (ver Fig. 23, 24, 25, 26 e 27).

— Não; não é isso. O que eu quero dizer é que entre as minhas theorias e a práctica da minha vida não ha divergencia nenhuma, mas uma conformidade absoluta. Lá que não tenho uma vida como a dos typos dos syndicatos e das bombas — isso é verdade. Mas é a vida d’elles que está fóra do anarchismo, fóra dos ideaes d’elles. A minha não. Em mim — sim, em mim, banqueiro, grande commerciante, açambarcador se v. quizer —, em mim a theoria e a practica do anarchismo estão conjunctas e ambas certas. V. comparou-me a esses parvos dos syndicatos e das bombas para indicar que sou differente d’elles. Sou, mas a differença é esta: elles (sim, elles e não eu) são anarchistas só na theoria; eu sou-o na theoria e na práctica. Elles são anarchistas e estupidos, eu anarchista e intelligente. Isto é, meu velho, eu é que sou o verdadeiro anarchista. Elles — os dos syndicatos e das bombas (eu tambem lá estive e sahi de lá exactamente pelo meu verdadeiro anarchismo) — elles são o lixo do anarchismo, os femeas da grande doutrina libertaria.

Figs. 23 e 24. Fragmento da primeira e da segunda páginas de “O Banqueiro Anarchista”.

- No, that's not the point. What I mean to say is that between my theories and the practice of my life there is no antagonism, but an absolute conformity. I know, of course, that my life doesn't resemble the life of those bomb and trade union chaps. But it's their life that is outside anarchism, outside their own ideals. Mine isn't. ~~Yes~~ In me - yes, in me, the banker, the great merchant, the profiteer, if you like - the theory and the practice of anarchism are joined and both right. You compared me to those bomb and trade union fools just to point out that I am different from them. I am, but the difference is in this: they (yes, they and not I) are anarchists only in theory; I am an anarchist in both theory and practice. They are anarchists and fools, and I am an anarchist and not a fool. That is to say, old man, I am the ~~xxx~~ real anarchist. They - the bomb and trade union men (I was once with them, but I left them exactly because I was really an anarchist) - they are the rubbish of anarchism, the females of the great doctrine of freedom.

Figs. 25 e 26. Primeira e segunda páginas da tradução parcial para inglês (BNP/E3, 27² D-15^v).

Versão em português (1922)	Tradução para inglês (1935)
— Não; não é isso. O que eu quero dizer é que entre as minhas theorias e a práctica da minha vida não ha divergencia nenhuma, mas uma conformidade absoluta. Lá que não tenho uma vida como a dos typos dos syndicatos e das bombas — isso é verdade. Mas é a vida d’elles que está fóra do anarchismo, fóra dos ideaes d’elles. A minha não. Em mim — sim, em mim, banqueiro, grande commerciante, açambarcador se v. quizer —, em mim a theoria e a practica do anarchismo estão conjunctas e ambas certas. V. comparou-me a esses parvos dos syndicatos e das bombas para indicar que	— No, that’s not the point. What I mean to say is that between my theories and the practice of my life there is no antagonism, but an absolute conformity. I know, of course, that my life doesn’t resemble the life ¹⁰ of those bomb and trade union chaps. ¹¹ But it’s <i>their</i> life that is outside anarchism, outside their own ideals. Mine isn’t. In me — yes, ¹² in me, the banker, the great merchant, the profiteer, if you like — the theory and the practice of anarchism are joined and both right. You compared me to those bomb and trade union fools just to point out that I am different from them. I am, but the difference is in this: they (yes,

sou diferente d'elles. Sou, mas a diferença é esta: elles (sim, elles e não eu) são anarquistas só na theoria; eu sou-o na theoria e na práctica. Elles são anarquistas e estupidos, eu anarquista e intelligente. Isto é, meu velho, eu é que sou o verdadeiro anarquista. Elles — os dos syndicatos e das bombas (eu também lá estive e sahi de lá exactamente pelo meu verdadeiro anarchismo) — elles são o lixo do anarchismo, os femeas da grande doutrina libertaria.	they and not I) are anarchists only in theory; I am an anarchist¹³ in both theory and practice. They are anarchists and fools, and I am an anarchist and not a fool. That is to say, old man, I am the real¹⁴ anarchist. They — the bomb and trade union men (I was once with them, but I left them exactly because I was really an anarchist)¹⁵ — they are the rubbish of anarchism, the females of the great doctrine of freedom. ¹⁰ li<v>/f\ e<s> ¹¹ those <chaps> bomb and trade union chaps ¹² <Yes> In me – yes ¹³ Corrigimos lapso. Pessoa escreveu: ana anrchist ¹⁴ <ral> real ¹⁵ Corrigimos lapso. Pessoa escreveu: ana narchist
--	---

Fig. 27. Transcrição das Fig. 23, 24, 25 e 26.

Observemos que na frase “entre as minhas theorias e a práctica da minha vida não ha divergencia nenhuma, mas uma conformidade absoluta”, a noção de “divergência” é traduzida como “antagonism”. O termo “divergência”, embora implique a noção de diferença, não necessariamente inclui uma conotação de antagonismo. Assim, há uma contenção, uma disputa, que é enfatizada na tradução para inglês.

Ao mesmo tempo, o tom contencioso é matizado na tradução de “os femeas da grande doutrina libertaria”. “[T]he females” perde o efeito dissonante que produz a falta de concordância de género entre o artigo “os” e o substantivo “fêmeas”. Em vez de optar por uma tradução que mantivesse o sentido pejorativo de prostituta ou concubina da expressão “os fêmeas”, Pessoa opta pela palavra mais próxima etimologicamente, “females”, que em inglês não mantém o mesmo sentido pejorativo.

Por último, na frase “Elles são anarquistas e estupidos, eu anarquista e intelligente”, chama a atenção que Pessoa traduz “inteligente” por “not a fool” (em vez de “intelligent”). Nesta decisão, a tradução revela um aspeto central desta obra e da sua abordagem lógica: o estratagema na retórica persuasiva do banqueiro fundamenta-se na definição de um conceito com base em aquilo que o conceito não é. Ao não criar uma oposição antonímica entre a estupidez e a inteligência, a tradução impede que o conceito da inteligência exista autonomamente. Em vez disso, a inteligência aparece neste texto como a ausência da estupidez, ou seja, a negação do contrário. Esta lógica de definições baseadas nos contrários é a que, mais adiante, permitirá ao banqueiro estabelecer o silogismo central no seu argumento: 1) os tipos dos sindicatos não são anarquistas; 2) o banqueiro não é como os tipos dos sindicatos; e 3) portanto ele é anarquista:

“[I]f anarchism is A and B, and those who call themselves anarchists *are neither* A nor B but C and D, then they *are not* anarchists. If the banker is *neither* C nor D, then he *is not* like them, which means that he *is not* like those who *are not* anarchists; consequently, he *is* an anarchist. Certainly, the similarity between the argumentative structure of the banker and the Aristotelian model [of the reduction to the absurd] is not accidental.

(BARBOSA, 2014: 38)

A tradução para inglês de Pessoa revisita *O Banqueiro Anarchista* e mantém uma preocupação por criar uma retórica consciente das emoções e da sua própria lógica e sequencialidade. Um exame das escolhas lexicais, sintáticas e estilísticas da versão inglesa demonstra momentos hesitantes e ambíguos que reconfiguram alguns significados e põem em causa a elasticidade dos significantes. A tradução de Pessoa revela uma consistência respeito aos recursos retóricos que o autor incorpora já no texto original de 1922 e que mantém na tradução. A repetição de estruturas sintáticas, por exemplo, serve como mecanismo para construir ritmo e ênfase, e revela que Pessoa não ignora os mecanismos por trás do seu objetivo retórico. O respeito pela sintaxe original e a reprodução inalterada dos incisos contribuem para a construção de um discurso igualmente incisivo e, portanto, persuasivo, que disfarça a meticulosidade do argumento sob uma aparência de espontaneidade. Além disso, a tradução apresenta uma tendência à metáfora e, por momentos, uma linguagem mais explicitamente contenciosa. Ao mesmo tempo que alguns dos conceitos essenciais no argumento do banqueiro são traduzidos livremente (remetendo assim a conotações ligeiramente diferentes), a estrutura sintática da tradução apresenta uma língua inglesa próxima da sintaxe portuguesa. Isto acaba por reproduzir a estrutura mais circular e repetitiva da língua original, dois elementos que não parecem ser acidentais em um protagonista e um texto que se sustentam em uma ilusão persuasiva da circularidade.

Anexo 1.

Transcrição genética da tradução parcial para inglês de *O Banqueiro Anarchista*, escrita por Fernando Pessoa em 1935.

We had finished dining. In front of me my friend, the banker, great merchant and remarkable profiteer, was smoking in an unthinking way. Conversation, which had been dying away, lay¹ now dead between us. I tried to call it back to life, in a chance manner, availing myself of an idea that had crossed my meditation. I turned, smiling, to him.

— Look here: they told me a few days ago that you were once an anarchist.

— Once isn't right. I haven't changed in that respect. I *am* an anarchist.

— Good heavens! You an anarchist! How can you be an anarchist? Unless you give the word some meaning which is quite different...

— From the common one? No, I don't. I use the word in the usual sense.²

— Do you mean to say then that you are an anarchist in exactly the same sense as these trade union chaps³ are anarchists? So there's no difference between you and these bomb and strike beggars?

— Oh, yes:⁴ there *is* a difference. Of course there is a difference. But it's not the sort of difference you might suppose. You suppose, for instance, that my social theories can't be the same as theirs?

— Oh, I see. In theory you're an anarchist; in practice...

— In practice I'm as much an anarchist as in theory. And in practice I'm much more — oh ever so much more — of an anarchist than those chaps you mentioned. All my life proves⁵ it.

— Eh?

— All my life proves⁵ it, my boy. The fact is, you have never given these things a lucid attention. That's why you think I'm talking nonsense, or fooling you all the time.

— But, man, I can't make head or tail of what you're saying! Unless — unless you think your life corruptive and anti-social and think anarchism is that.⁷

— I've told you already that I think nothing of the kind. I mean: I've told you that by anarchism I mean only what⁸ is usually meant by the word.

— Alright... I'm still⁹ at sea. Look here, man: do you mean to say that there's no difference between your really anarchistic theories and the practice of your life — the practice of your life as it is now? Do you want me to believe that you have a life exactly like that of the chaps who are commonly called anarchists?

— No, that's not the point. What I mean to say is that between my theories and the practice of my life there is no antagonism, but an absolute conformity. I know, of course, that my life doesn't resemble the life¹⁰ of those bomb and trade union chaps.¹¹ But it's *their* life that is outside anarchism, outside their own ideals. Mine isn't. In me — yes,¹² in me, the banker, the great merchant, the profiteer, if you like

— the theory and the practice of anarchism are joined and both right. You compared me to those bomb and trade union fools just to point out that I am different from them. I am, but the difference is in this: they (yes, they and not I) are anarchists only in theory; I am an anarchist¹³ in both theory and practice. They are anarchists and fools, and I am an anarchist and not a fool. That is to say, old man, I am the real¹⁴ anarchist. They — the bomb and trade union men (I was once with them, but I left them exactly because I was really an anarchist)¹⁵ — they are the rubbish of anarchism, the females of the great doctrine of freedom.

— Good Lord! I've never heard anything like that! That's bewildering! But how do¹⁶ you fit your life — I mean your life as a banker and a business man — into your anarchist theories? How do you fit it if you say that you mean by anarchist theories exactly what everybody (any common¹⁷ anarchist) means? And you say, on top of all that, that you're different from them because you're more of an anarchist than they are — don't you?

— Yes.

— I can't understand you at all.

— But would you like to understand?

— Of course I would.

He removed from this mouth the cigar, which had gone out, lit it slowly, stared at the waning match, put it lightly on the ash-tray; then¹⁸ turning to me his head, which he¹⁹ had sunk for a moment, said:²⁰

Notas genéticas

- 1 <i>/a\y
- 2 <meaning> sense.
- 3 these <chaps> trade union chaps
- 4 no [↑ yes]
- 5 shows [□ proves]
- 6 shows [↑ proves]
- 7 that[.]
- 8 mean [□ only] what
- 9 still<e>
- 10 li<v>/f\e<s>
- 11 those <chaps> bomb and trade union chaps
- 12 <Yes> In me – yes
- 13 *Corrigimos lapso. Pessoa escreveu: ana anrchist*
- 14 <ral> real
- 15 *Corrigimos lapso. Pessoa escreveu: ana narchist*
- 16 *Corrigimos lapso. Pessoa escreveu: to*
- 17 *Corrigimos lapso. Pessoa escreveu: commo,*
- 18 the<,>/n\
- 19 *Corrigimos lapso. Pessoa escreveu: whichheh*
- 20 <he> said

Anexo 2

Transcrição genética parcial de um dos fragmentos alternativos de *O Banqueiro Anarchista*, escritos por Fernando Pessoa em 1935 (correspondem às folhas BNP/E3, 27² D-5^r, 6^r e 9^r).⁶

É verdade:

- Disseram-me aqui ha dias uma coisa com piada¹ a respeito de v.
- A meu respeito?² Coisa boa não era naturalmente.³
- Nem boa nem má. Simplesmente, achei-lhe piada. Disseram-me que v. em tempos foi anarchista.
- Está errado, mas o que está errado é o “foi”. Fui anarchista e sou anarchista.
- Essa é melhor ainda!... Então v.... Ah, já comprehendo: v. é anarchista theorico. V. acha a doutrina anarchista boa, mas ou a acha inviavel na pratica, ou, pelo menos, inviavel para v., na sua vida de banqueiro e grande commerciante.
- Não é nada d’isso. Sou anarchista na⁴ theoria e sou anarchista na pratica. Sou banqueiro e grande commerciante não *apesar* de ser anarchista, mas *porque* sou anarchista.
- Agora é que não percebo nada. V. estabelece entre o seu anarchismo e o seu negocio uma relação, por assim dizer, de causa a effeito.
- Não é “por assim dizer”: é assim mesmo. Fiz-me banqueiro e grande commerciante em obediencia —obediencia consciente e propositada—⁵ aos meus principios anarchistas.
- Senti-me boquiaberto. Passei a mão lentamente pela testa, como para tirar um veu de pasmo, e consegui fallar.
- Olhe lá: isto aqui ha qualquer trapalhada. O mais natural é uma coisa que muitas vezes acontece em discussões: uma questão de definição.
- De definição como?
- Assim: estamos fallando em anarchismo sem definir a palavra. Não nos entendemos, ou⁶ pelo menos, eu não o entendo. O mais certo é v. entender por anarchismo uma coisa, e eu entender outra. Diga-me v. o que entende por anarchismo.
- Por anarchismo entendo aquella doutrina social extrema que proclama⁷ que não deve haver entre os homens outras differenças ou desigualdades senão as naturaes, nem pesarem sobre os homens outras peias ou outros males senão os que a propria Natureza dá...

[...]

⁶ A totalidade dos fragmentos alternativos encontram-se a partir da folha BNP/E3, 27²D-1 até à 13, e estão publicados como fac-símiles e transcrições genéticas em PESSOA (2013: 96-123).

— Não percebo. Qual diferença entre os²⁶ proprios trabalhadores? Você queria que um apprendiz ganhasse tanto como um official ou que um typo que trabalha dez horas ganhe tanto como um que trabalha sete?

— Não é isso. Eu explico.²⁷ Eu era typographo. Ora eu sabia²⁸ que qualquer dos officiaes²⁹ de barbeiro da loja ao lado da typographia ganhava mais do que eu, pelo menos nessa altura, e não contando gorgetas.³⁰ Não percebia, dentro ou fóra do systema burguez, em que é que o trabalho de um typographo tinha menos valor, social ou humano, que o trabalho de um barbeiro. Nem percebia porque é que, em boa justiça, eu, typographo, havia de ganhar mais, porque ganhava, do que um cavador de enxada. Bem sei que economicamente isso é facilmente explicavel; mas o economicamente é que me revoltava. Uma economia que produzia esses resultados era, para mim, e ainda é, uma injustiça e uma tyrannia.

— Os operarios nem sempre vêem esse aspecto da questão. Quero dizer, nem sempre levam o espiritu de observação até esse ponto.

— Bem sei, mas levei-o eu. Estupido nunca fui, graças a De.. — graças não sei a quê...

Sorrimos ambos.

— Eu percebi, é claro, que tudo isso era defeitos do systema³¹ burguez; que não era por culpa do barbeiro que eu ganhava menos que elle, nem por minha culpa que o cavador ganhava menos que eu. O systema burguez, nas suas engrenagens varias, protegia ao barbeiro mais que a mim, e a mim mais que ao cavador. O mesmo systema que protegia a modista mais que a minha cunhada costureira, o meu patrão mais que a mim, e o lavrador mais que o trabalhador do campo...

Cheio de pensar todos os dias — todos os dias a todas as noites — nestas injustiças, dei num profundo revoltado. Nem era facil pensar noutra coisa. Bastava accordar para ouvir as lamentações da minha mãe e as queixas do meu pae — casa onde não ha pão, meu velho... —, bastava sentarme à mesa pa — encontrar argumentos, desde as mesmas queixas e zangas até ao que estava em cima da mesa, o que estava para cinco e tinha que se fazer chegar para onze... Bastava isto e tudo o mais... Bastava o ter que andar quasi sempre com uma camisa que, no melhor³² era meio rota e no peor suja, o ter que passar um inverno inteiro sem ter maneira de arranjar um sobretudo, a não ser que deixasse de dar³³ o dinheiro em casa e fazer-me passar fome³⁴ não só a mim mas tambem aos outros, que não tinham culpa. Emfim, tudo isto, e tudo isto todos os dias...

Notas genéticas

1 com [↑ <a que achei>] piada

2 — O que era? [↑ A meu respeito?] *Variantes alternativas.*

3 Naturalmente coisa boa não era.] O autor indica, mediante sinal de inversão, que Naturalmente deve ir depois de coisa boa não era, que obriga a emendar o «c» minúsculo de coisa e o «n» maiúsculo de Naturalmente.

4 em [↑ na] theoria

- 5 orientada [↑ propositada] *Variantes alternativas; a primeira está sobre um símbolo de dúvida.*
 6 ou <,> pelo menos,
 7 contende [↑ proclama] *Variantes alternativas; a primeira está sobre um símbolo de dúvida.*
 [...]

26 <s>/o\s
 27 <Não percebo.> Não é isso. Eu explico. *Uma linha à mão indica que Eu explico continua no mesmo parágrafo.*
 28 <não pe> sabia
 29 <os iffi oficiais> qualquer dos <iffici> officiaes
 30 <gorgetas áparte> e não contando gorgetas.
 31 <bo>/sy\ste<l>/m\ a
 32 <mlehor> melhor
 33 <comer> dar
 34 fazer-me [↓ passar fome]

Bibliografia

- BARBOSA, Nicolás (2016). "The Student of Salamanca: an English translation". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 10, Fall, pp. 318-551. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z07P8WKJ>
- (2014). "A Man Without a Name: O Banqueiro Anarchista and the Impossibility of Language". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 5, Spring, pp. 27-42. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0513WPT>
- FISCHER, Claudia J. (2012). "Auto-tradução e experimentação interlinguística na génese d'O Marinheiro' de Fernando Pessoa". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, Spring, pp. 1-69. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0B56GZH>
- JACKSON, K. David (2006). "The Adventure of the Anarchist Banker: 'Reductio ad absurdum' of a Neo-Liberal". *Portuguese Studies*, vol. 22, n.º 2, pp. 209-218. <https://www.jstor.org/stable/41105264>
- JAIMES, Ana María (2017). "Entre alteración y mudanza: la reescritura de *O banqueiro anarchista*", inédito, pp. 1-13.
- PESSOA, Fernando (2013). *El banquero anarquista y una entrevista sensacional / O banqueiro anarchista e uma entrevista sensacional*. Edited and translated by Nicolás Barbosa. Medellín: Tragaluz Editores.
- (1924). "O Corvo". *Athena*, n.º 1, Lisboa, Outubro-Fevereiro, pp. 27-29.
- (1922). "O Banqueiro Anarchista", in *Contemporanea*, n.º 1, Lisboa, Maio, p. 5.
- SAPEGA, Ellen (1989). "On Logical Contradictions and Contradictory Logic: Fernando Pessoa's *O Banqueiro Anarquista*". *Luso-Brazilian Review*, vol. 26, n.º 1, pp. 111-118. <https://www.jstor.org/stable/3513336>
- WIESSE-REBAGLIATI, Jorge (2016). "On Pessoa's *The Student of Salamanca*". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 10, Fall, pp. 193-218. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0QR4V92>

NICOLÁS BARBOSA is a Visiting Professor of Portuguese Studies at Universidad de los Andes, in Bogotá, under the Camões I. P. cooperation agreement in Colombia. He holds a Ph.D. and M.A. in Portuguese and Brazilian Studies from Brown University and a B.A. in Literature from Universidad de los Andes. He is responsible for the Spanish translation of thirty Lusophone and Anglophone literary works in Ibero-America, and author of over twenty academic articles and book chapters. Barbosa has also worked as a cultural advisor to the Embassies of the U.S., Sweden, Norway, Denmark, Finland, and the Netherlands in Colombia.

NICOLÁS BARBOSA é Professor Visitante de Estudos Portugueses na Universidad de los Andes, em Bogotá, no acordo de cooperação do Camões I. P. na Colômbia. Barbosa tem um Ph.D. e um mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Brown University e é formado em Letras pela Universidad de los Andes. É responsável pela tradução para espanhol de trinta obras literárias lusófonas e anglófonas na Ibero-América e autor de mais de vinte artigos académicos e capítulos de livros. Barbosa também trabalhou como assessor cultural das Embaixadas dos EUA, Suécia, Noruega, Dinamarca, Finlândia e os Países Baixos na Colômbia.